



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"JULIO DE MESQUITA FILHO"
INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS E CIÊNCIAS EXATAS



Trabalho de Formatura

Curso de Graduação em ENGENHARIA AMBIENTAL

**BENEFÍCIOS DOS RELATÓRIOS DE SUSTENTABILIDADE NA
COMPETITIVIDADE E MELHORIA DA GESTÃO EMPRESARIAL: ESTUDO DE
CASO DO SETOR AUTOMOTIVO.**

Eduardo Lemos de Almeida

Rio Claro (SP)

2012



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
Instituto de Geociências e Ciências Exatas



EDUARDO LEMOS DE ALMEIDA

**BENEFÍCIOS DOS RELATÓRIOS DE
SUSTENTABILIDADE NA COMPETITIVIDADE E
MELHORIA DA GESTÃO EMPRESARIAL: ESTUDO
DE CASO DO SETOR AUTOMOTIVO.**

*Trabalho de Formatura apresentado ao
Instituto de Geociências e Ciências Exatas,
Campus de Rio Claro (SP), da Universidade
Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho,
para obtenção do grau de Engenheiro
Ambiental.*

Orientadora: Profa. Dra. Clauciana Schmidt Bueno de Moraes

Rio Claro – SP
2012

338.9 Almeida, Eduardo Lemos de
A447b Benefícios dos relatórios de sustentabilidade na
competitividade e melhoria da gestão empresarial: estudo de
caso do setor automotivo / Eduardo Lemos de Almeida. - Rio
Claro : [s.n.], 2012
47 f. : il., figs., quadros

Trabalho de conclusão de curso (Engenharia Ambiental) -
Universidade Estadual Paulista, Instituto de Geociências e
Ciências Exatas

Orientador: Clauciana Schmidt Bueno de Moraes

1. Planejamento econômico. 2. Melhoria contínua. 3. GRI.
4. Sustentabilidade corporativa. I. Título.

EDUARDO LEMOS DE ALMEIDA

BENEFÍCIOS DOS RELATÓRIOS DE
SUSTENTABILIDADE NA COMPETITIVIDADE E
MELHORIA DA GESTÃO EMPRESARIAL: ESTUDO DE
CASO DO SETOR AUTOMOTIVO.

*Trabalho de Formatura apresentado ao
Instituto de Geociências e Ciências Exatas,
Campus de Rio Claro (SP), da Universidade
Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho,
para obtenção do grau de Engenheiro
Ambiental.*

Comissão Examinadora

Profa. Dra. Clauciana Schmidt Bueno de Moraes (orientadora)
Prof. Dr. Marcelo Loureiro Garcia
Eng. Paula da Silva Carvalho

Rio Claro, 26 de novembro de 2012.

assinatura do(a) aluno(a)

assinatura do(a) orientador(a)

AGRADECIMENTOS

Agradeço a toda a minha família, por serem minha base e meu apoio, por acreditarem e torcerem por mim em todos os momentos da minha vida e por me passarem os valores que eu carrego comigo.

Aos meus pais, que sempre me incentivaram a ser o melhor que eu posso ser. Ao meu pai, Cesar, por ser meu referencial de profissional e de pessoa e por todo o cuidado dedicado à família. À minha mãe, Simone, pela sua compreensão, sua sensibilidade e por sempre me mostrar o poder e a importância do estudo e de uma família unida. Aos meus irmãos, Bernardo e Frederico, pela amizade que nós temos, pelo companheirismo de sempre, pelos exemplos passados e pela união.

À minha melhor amiga, minha linda, companheira da minha vida e parceira, Sarita, por sempre me incentivar, acreditar em mim e estar presente em todos os momentos.

Aos meus amigos da República Refúgio: Brunão, Tony, Cataflan, Sangue, Destri, Pancada, Porps, Cesão, Hadouken, Erick, Rafa, Felipe, Inri, Gazela e Avatar, pelas risadas, pela companhia, os aprendizados e a boa convivência durante esses cinco anos de faculdade.

Às meninas da Rep. Trindade – Chachá, Elis, Luana, Rafa e Sarita, as melhores vizinhas que existem. Obrigado pelos momentos de estudo, pelas infinitas refeições, pela diversão e parceria.

A todos os amigos da turma de 2008, pela nossa união e por termos convivido em harmonia durante todo o período da faculdade. Em especial, agradeço aos amigos que são muito mais do que colegas de classe, estiveram comigo em muitos dos momentos que passei em Rio Claro e espero que estejam em muitos outros momentos da minha vida: Inútil, Barbie, Rosa, Bia, Heman e Carreto.

A todos os membros da EJEAmb, especialmente aos companheiros da Gestão 2010/2011, que se dedicaram de maneira sem igual à empresa e fizeram com que ela se tornasse, aos poucos, referência e motivo de orgulho.

A todos os professores e funcionários da UNESP, que contribuíram com o meu aprendizado e o meu crescimento. Em especial, agradeço ao professor Marcelo Loureiro Garcia, pela sua motivação constante em trazer melhorias para o curso de Engenharia Ambiental da UNESP de Rio Claro, pela confiança depositada em mim e pelo incentivo.

À Paula Carvalho, pela disponibilidade e pelas dicas precisas para a elaboração deste trabalho.

À professora Clauciana Schmidt Bueno de Moraes, pelo seu bom humor, por sempre acreditar no meu potencial, por me incentivar e me orientar de maneira objetiva para a melhor realização possível deste trabalho.

Por fim, agradeço a todos que, de alguma forma, me fizeram ser quem eu sou hoje e contribuíram para a elaboração deste trabalho.

RESUMO

O crescimento da população mundial e o aumento do seu poder de consumo exigem que as empresas aumentem sua capacidade produtiva para atender à demanda. Muitas das vezes esse processo produtivo é feito de maneira descontrolada e causa a degradação do meio ambiente. Tendo em vista as exigências legais cada vez mais fortes e o aumento da preocupação ambiental, as empresas precisam agir de maneira sustentável para continuar existindo. O objetivo deste trabalho é verificar como os relatórios de sustentabilidade que seguem as diretrizes da Global Reporting Initiative (GRI) podem trazer benefícios para as empresas na melhoria contínua dos seus processos e na competitividade do setor. O setor escolhido para o estudo foi o setor automotivo, devido à sua importância na economia nacional e por impactar de maneira significativa a população e o meio ambiente. A metodologia utilizada foi a leitura dos relatórios de sustentabilidade GRI das empresas e a posterior comparação entre eles e entre o material bibliográfico a respeito do tema. Os resultados encontrados comprovam a importância dos relatórios de sustentabilidade GRI para as empresas e mostram como os indicadores selecionados contribuem com a gestão empresarial e com o controle dos seus processos.

Palavras-chaves: Relatório de sustentabilidade, GRI, Competitividade, Melhoria contínua.

ABSTRACT

The increase of the world population and their consumption power requires companies to increase their production capacity to meet demand. This production process is often performed without control and degrades the environment. In view of the stiffness of the legal requirements and the increasing of environmental concerns, companies need to act in a sustainable way to continue existing. The main objective of this study is to investigate how sustainability reports that follow the guidelines of the Global Reporting Initiative (GRI) can bring benefits to companies in the continuous improvement of its processes and the competitiveness of the sector. The sector chosen for the study was the automotive industry, due to its importance in the national economy and the significant impacts caused to the population and to the environment. The methodology consists of reading the GRI sustainability reports of companies and then performing a comparison among them and the bibliography of the subject. The results confirm the importance of the GRI sustainability reporting for companies and show how the selected indicators can contribute to the corporate management and to the control of its processes.

Key-words: Sustainability Report, GRI, Competitiveness, Continual Improvement

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Triple Bottom Line.	16
Figura 2- Logo do Ibase.	18
Figura 3 - Logo do Instituto Ethos.	18
Figura 4 - Logo do GRI.	19
Figura 5 - Relação de relatórios publicados.	21
Figura 6 – Autoveículos produzidos, por unidade da Federação, nos anos de 1990 e 2011.	26
Figura 7 - Iniciativas existentes nas indústrias automotivas para controlar os impactos ambientais.....	29
Figura 8 - Evolução da elaboração de relatórios GRI no setor automotivo.	30

LISTA DE QUADROS

Quadro 1- Características gerais dos relatórios das empresas analisadas.	31
Quadro 2 – Comparação dos indicadores GRI relatados pelas empresas entre aqueles selecionados para o estudo.	36
Quadro 3 - Indicadores significantes e sua contribuição	41

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

FBDS	Fundação Brasileira para o Desenvolvimento Sustentável
GRI	Global Reporting Initiative
ADA	Avaliação de Desempenho Ambiental
BNDES	Banco Nacional do Desenvolvimento
CDP	Carbon Disclosure Project
Ceres	Coalition for Environmentally Responsible Economies
GEE	Gases de Efeito Estufa
GM	General Motors
Ibase	Instituto Brasileiro de Análises Sociais e Econômicas
ICA	Indicador de Condição Ambiental
IDA	Indicador de Desempenho Ambiental
IDG	Indicador de Desempenho Gerencial
IDO	Indicador de Desempenho Operacional
ISO	International Organization for Standardization
SGA	Sistema de Gestão Ambiental
SSMA	Saúde, Segurança e Meio Ambiente

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO E JUSTIFICATIVA	11
2. OBJETIVOS	13
3. REVISÃO BIBLIOGRÁFICA	14
3.1 Gestão ambiental nas empresas e a sustentabilidade.....	14
3.2 Os Relatórios de Sustentabilidade – GRI como instrumento de melhoria contínua e competitividade	17
3.3 Avaliação de Desempenho Ambiental e ISO 14031	22
4. METODOLOGIA	24
5. ESTUDO DE CASO	25
5.1. Setor automotivo	25
5.2. Aspectos e Impactos ambientais no setor automotivo	28
5.3. Práticas ambientais do setor automotivo.....	29
6. RESULTADOS E DISCUSSÕES	31
6.1. Características dos relatórios escolhidos	31
6.2. Análise comparativa dos relatórios de sustentabilidade das empresas ..	34
6.3. Relatórios de Sustentabilidade e os Indicadores de competitividade e melhoria da gestão empresarial.....	38
7. CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES	41
8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	43

1. INTRODUÇÃO E JUSTIFICATIVA

A necessidade de se colocar a sustentabilidade na vanguarda das decisões estratégicas das empresas têm sido crescente. Prova disso é a prioridade que ela tem assumido na agenda de líderes de grandes empresas globais, como mostra a pesquisa “*A New Era of Sustainability*” (Accenture & United Nations, 2010), em que 93% dos presidentes de grandes empresas dizem que a sustentabilidade será fundamental para o sucesso de suas organizações. Ainda assim, as atitudes das empresas para tornarem os seus processos mais sustentáveis ainda são tímidas. Ainda de acordo com a pesquisa citada, da Accenture, existe um abismo entre a teoria e a prática da sustentabilidade. A pesquisa mostra que, mesmo com o alto número de funcionários do alto escalão que acreditam na importância da sustentabilidade, apenas 54% dizem ter conseguido implantá-la no planejamento estratégico da empresa e que a dificuldade é ainda maior quando se tenta tornar todo o processo produtivo mais sustentável.

Com o propósito de mudar essa situação e colaborar com as empresas na busca pela sustentabilidade, uma coalizão formada por empresas, organizações ambientais e grupos de interesse público fundou a Ceres (Coalition for Environmentally Responsible Economies), cujo objetivo principal é enfrentar as mudanças climáticas locais integrando a sustentabilidade aos mercados capitais. A Ceres e o Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente lançaram, em 1997, uma organização não governamental chamada de *Global Reporting Initiative* (GRI), que dá diretrizes para a elaboração dos relatórios de sustentabilidade das empresas e considera o desempenho ambiental das organizações tão importante quanto os seus desempenhos social e financeiro.

A preocupação com o desempenho ambiental das empresas não se limita apenas às organizações especializadas no tema. Este fato é provado com uma pesquisa realizada pelo Ibope e encomendada pela Confederação Nacional das Indústrias. Segundo uma reportagem do site Estadão (ESCOBAR, 2012), a pesquisa recolheu dados que comprovam que 94% dos brasileiros se preocupam com o meio ambiente. Além disso, segundo a pesquisa, 52% dos brasileiros estão dispostos a pagar mais caro por um produto ambientalmente correto.

Com a pressão das organizações ambientais, o aumento das exigências legais e a cobrança da população, é notória a necessidade de as empresas adotarem estratégias sustentáveis nos seus processos produtivos.

O setor automotivo é responsável por diversos impactos socioambientais, tanto positivos quanto negativos. Algumas empresas do setor já vislumbram o poder que a

sustentabilidade tem para o seu futuro e, para atingi-la e ser transparente com os *stakeholders*, passaram a elaborar relatórios de sustentabilidade seguindo as diretrizes propostas pela GRI.

Esse trabalho analisou como a elaboração dos relatórios de sustentabilidade GRI pode colaborar com o desempenho da gestão das empresas do setor automotivo e de que forma e intensidade eles influenciam na competitividade das organizações e na sua gestão em busca da melhoria contínua.

2. OBJETIVOS

2.1.Objetivo Geral

- Verificar os benefícios da elaboração dos relatórios de sustentabilidade que seguem as diretrizes da Global Reporting Initiative (GRI) para o bom desempenho da gestão de uma empresa do setor automotivo e em como esses relatórios podem ser benéficos para a competitividade da organização.

2.2.Objetivos Específicos

- Identificar os principais indicadores de desempenho utilizados pelas empresas do setor automotivo.
- Identificar os possíveis benefícios do uso dos relatórios de sustentabilidade seguindo as diretrizes GRI para a melhoria contínua e competitividade da empresa.

3. REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

3.1. Gestão ambiental nas empresas e a sustentabilidade

Os fenômenos da globalização e da mundialização da produção facilitaram o acesso de uma maior parte da população mundial aos produtos e serviços ao mesmo tempo em que colaboraram com o aumento da relação predatória do homem com a natureza. Essa busca pelo desenvolvimento a qualquer custo e o aumento desenfreado da produção levaram à potencialização dos impactos ambientais negativos, como a poluição do ar, as mudanças climáticas e a destruição da camada de ozônio.

No momento em que os impactos passaram a afetar a população de uma forma mais intensa, as empresas passaram a ser pressionadas a melhorar o seu processo produtivo, de forma a minimizar os efeitos adversos da sua cadeia de produção. Os governos também se viram obrigados a lançar novas leis e padrões de controle a serem seguidos pelas organizações na busca da qualidade ambiental. Tudo isso se intensificou após a conferência de Estocolmo, em 1972, responsável por inserir a questão ambiental de forma mais intensiva na agenda internacional e nas decisões empresariais (SOUZA, 2002).

Para se atingir a qualidade ambiental, a medida mais eficiente é a implementação de um sistema de gestão ambiental (SGA), responsável pelas atividades das empresas que causem impacto no meio ambiente. Com um SGA bem estruturado, é possível que as empresas consigam reduzir custos por meio das seguintes ações: minimização dos desperdícios e diminuição do uso de água, energia, matéria-prima e da geração de resíduos. Assim, torna-se mais fácil minimizar os impactos negativos e atender à legislação. Deve-se observar que a redução da geração de resíduos e do uso de matéria-prima e a minimização do número de ocorrências de multas geram economia e maior competitividade para a organização (OLIVEIRA et al., 2010 *apud* PEIXE, 2011).

De acordo com Souza (2002), a proteção ambiental se entrelaça cada vez mais com a competitividade econômica e as companhias, ao alcançar bons resultados ambientais associados à gestão operacional e a fatores como baixo risco financeiro e boas perspectivas de sucesso econômico, passam a influenciar as normas de práticas corporativas e elevam o “ambientalismo” ao centro da conquista dos objetivos da empresa.

Para King et. al., 2005 *apud* Peixe, 2011, a crescente conscientização global do meio ambiente, o esgotamento dos recursos naturais e a legislação específica para as empresas conduzirem seus processos de forma sustentável fazem com que a ISO 14001 ganhe força e se torne cada vez mais importante no cenário organizacional.

A ISO 14001 faz parte da série de normas ISO 14000, lançadas para, segundo consta na própria norma, “prover as organizações de elementos de um SGA que possam ser integrados a outros requisitos da gestão, e auxiliá-las a alcançar seus objetivos ambientais e econômicos”. A ISO 14001 dá as diretrizes para que as organizações consigam implementar um SGA de qualidade e que dê resultados. Essa norma, por ser de gerenciamento dos processos e não dos produtos, pode ser utilizada por organizações de todos os tipos.

As empresas buscam a certificação ISO 14001, entre outros fatores, como forma de facilitar o comércio nacional e internacional, para atender pressões legais e normativas, por exigência de fornecedores, compradores, acionistas e de consumidores e para modernizar o seu sistema de qualidade.

Num mundo corporativo cada vez mais acirrado, a preocupação com o meio ambiente se firma como uma oportunidade para as empresas se destacarem e um aliado na busca pela competitividade. A essa prática de aliar o meio ambiente na busca pelo desenvolvimento dá-se o nome de desenvolvimento sustentável.

O conceito de desenvolvimento sustentável surgiu pela primeira vez, segundo Romeiro (1999), com o nome de ecodesenvolvimento no início da década de 70. O autor diz que o termo agregou duas ideias sobre a relação entre crescimento econômico e meio ambiente que, até então, eram opostas: a ideia daqueles que acreditavam que o crescimento econômico, por si só, eliminaria as disparidades sociais e que os custos ecológicos eram inevitáveis e irrelevantes se comparados aos benefícios obtidos; e a ideia de outro grupo que acreditava que a humanidade estaria próxima da catástrofe e que era preciso frear o desenvolvimento para proteger o meio ambiente.

Os debates em torno da relação estabelecida entre estilos de desenvolvimento e qualidade do meio ambiente alcançaram novos níveis em 1987, com a divulgação do relatório de Brundtland. Esse relatório expressa o resultado de uma nova tendência, que é a introdução da questão ambiental nos debates sobre política econômica, relações internacionais e em outros circuitos de difícil penetração. A definição de sustentabilidade contida no relatório Brundtland talvez seja a mais conhecida: “Sustentabilidade é prover as necessidades da geração atual sem comprometer a possibilidade de as gerações futuras fazerem o mesmo.” (FERREIRA, 1998).

O principal marco do desenvolvimento sustentável no mundo foi a Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento, que ocorreu em 1992 no Rio de Janeiro – por isso ficou conhecida como RIO 92. Na conferência foram aprovados diversos documentos importantes, com destaque para a Agenda 21, documento que continha as instruções para guiar a transformação do desenvolvimento com a identificação de áreas de

ação prioritárias. Entre os fundamentos abordados na Agenda 21, o principal é o fortalecimento da democracia, por meio da participação dos cidadãos no processo desenvolvimentista e da combinação de ideais de ética, participação popular e da satisfação de necessidades.

O livro “*Conversas com os Mestres da Sustentabilidade*” (Laura Mazur & Louella Miles; tradução João Terra. 2010) traz uma série de entrevistas com lideranças de setores-chave – empresas, governo, sociedade civil, academia, diplomacia, escritores e ambientalistas – para buscar soluções para os desafios ambientais do nosso tempo. Um dos entrevistados, Ray Anderson – fundador de uma grande indústria de carpetes americana – define sustentabilidade como retirar da Terra somente aquilo que é natural e rapidamente renovável, sem causar danos à biosfera. Ray também diz que ao difundir esse pensamento para os colaboradores da sua empresa, já foi possível economizar 393 milhões de dólares, reduzir as emissões de gases do efeito estufa em 82% e a emissão de carbono em 89%.

O mesmo livro citado anteriormente também traz uma entrevista com Paul Dickinson, presidente do Carbon Disclosure Project (CDP), que define sustentabilidade como um comportamento não suicida das organizações. É importante frisar que a opinião pública cada vez mais se preocupa com as questões ambientais e as empresas que não respeitarem o meio ambiente terão seu futuro comprometido.

Ainda segundo o livro já citado, para John Elkington, cofundador da SustainAbility – uma das responsáveis pela elaboração das diretrizes do GRI –, sustentabilidade é atingir o *triple bottom line*, isto é, alcançar a equidade social, a proteção ambiental e a prosperidade econômica. A ideia do *triple bottom line* está aliada ao conceito de sustentabilidade corporativa, que é a visão de negócios de longo prazo que incorpora as dimensões social e ambiental à estratégia de negócios da companhia.



Figura 1 - Triple Bottom Line.

Fonte: <http://blog.pucsp.br/educasustentabilidade/files/2011/10/triple.gif>

3.2. Os Relatórios de Sustentabilidade – GRI como instrumento de melhoria contínua e competitividade.

Surgimento dos relatórios de sustentabilidade nas empresas.

Os relatórios de sustentabilidade surgiram para informar os resultados obtidos pela empresa e as boas práticas de sustentabilidade aos *stakeholders* e para substituir o antigo “relatório cidadão” ou “balanço social”.

O Balanço Social surgiu nos Estados Unidos e na Europa após pressão da sociedade e boicote aos produtos de empresas ligadas à guerra do Vietnã. Para reconquistar seus clientes e a confiança da população, as empresas começaram a elaborar relatórios com informações sobre suas ações sociais. Essa ideia não demorou a chegar ao Brasil, mas somente na década de 80 surgiram os primeiros relatórios.

O modelo do Balanço Social logo foi substituído. Isso ocorreu devido ao aumento da preocupação da população com as questões ambientais, o que levou as empresas a relatarem, além das ações sociais, o seu desempenho econômico e ambiental nos relatórios de sustentabilidade.

Os relatórios de sustentabilidade passaram a ser difundidos a partir do momento que as empresas começaram a utilizá-lo como um instrumento de gestão e que perceberam que a sua reputação se fortalecia com a divulgação de suas práticas sociais, econômicas e ambientais. Atualmente, mais de 2500 relatórios são publicados todo ano (SUSTAINABILITY/FBDS E UNEP, 2008).

Os relatórios tem papel fundamental na melhoria contínua das políticas e estratégias de uma organização e tem importância diferenciada para cada stakeholder. Os relatórios podem auxiliar os executivos no planejamento e na tomada de decisão, estimular a participação dos trabalhadores nos projetos sociais da organização, informar as ações ligadas à sustentabilidade aos clientes e fornecedores e ainda auxiliar o governo na criação de políticas públicas (DOMENEGHETTI, 2009 apud CAMPOS, 2012).

Modelos de Relatórios

Dentre os diversos modelos de relatórios de sustentabilidade existentes, três são mais utilizados no Brasil. Um fator comum entre os modelos é que todos visam estabelecer um nível mínimo de informações que devem ser publicadas.

Dos três modelos utilizados no Brasil, dois são nacionais – o do Instituto Brasileiro de Análises Sociais e Econômicas (Ibase) e o do Instituto Ethos– e o outro é internacional, elaborado pela Global Reporting Initiative (GRI). As especificações de cada relatório são relatadas a seguir:

a. Instituto Brasileiro de Análises Sociais e Econômicas (Ibase)



Figura 2- Logo do Ibase.

Fonte: <http://www.ibase.br>

O modelo proposto pelo Ibase é o mais simples dos três e foi lançado em 1977, ainda com o nome de Balanço Social. Por ser inspirado nos balanços financeiros, esse modelo relata os números associados à responsabilidade social da organização, além de reunir em uma planilha informações sobre os gastos da companhia com funcionários, com controle ambiental e a participação nos lucros.

b. Instituto Ethos de Empresas e Responsabilidade Social



Figura 3 - Logo do Instituto Ethos.

Fonte: <http://www3.ethos.org.br/>

O modelo de elaboração de Balanço Social do Instituto Ethos baseia-se, segundo consta no site da organização, “num relato detalhado dos princípios e das ações da organização”. Esse relatório incorpora os quarenta indicadores definidos pelo Instituto Ethos de Responsabilidade Social Empresarial. Os indicadores são divididos em sete categorias, que são: Valores, Transparência e Governança; Público Interno; Meio Ambiente; Fornecedores; Consumidores e Clientes; Comunidade; e Governo e Sociedade. Além destes indicadores, o modelo proposto pelo Instituto Ethos também incorpora a planilha proposta pelo Ibase, o que

auxilia nas tomadas de decisão ao atingir um nível de detalhe maior sobre os problemas encontrados e os resultados obtidos.

c. Global Reporting Initiative (GRI)



Figura 4 - Logo do GRI.

Fonte: <https://www.globalreporting.org/>

O modelo de Relatório de Sustentabilidade proposto pela GRI é o mais completo e abrangente e considerado o padrão internacional de relatórios de sustentabilidade. O modelo incorpora diretrizes para definir os limites de conteúdo do relatório e garantir a qualidade daquilo que é relatado e foi lançado para que os relatórios se tornem mais transparentes e eficazes no que se refere à melhoria da gestão empresarial.

Existem diversos indicadores propostos pela GRI e eles também estão divididos em sete categorias, que são: Indicadores de Perfil; Desempenho econômico; Desempenho ambiental; Responsabilidade pelo produto; Direitos humanos; Práticas trabalhistas & trabalhos decentes; Sociedade.

A GRI desenvolveu tanto a “Estrutura de Relatórios de Sustentabilidade” quanto as diretrizes para a elaboração dos relatórios, que dizem quais são os documentos necessários para elaboração do documento.

O processo de elaboração do relatório deve fazer parte de um ciclo permanente que se assemelha ao ciclo PDCA. Deve-se, antes de tudo, planejar as etapas de trabalho, a elaboração de um cronograma, os indicadores que serão utilizados e engajar os colaboradores que farão parte da equipe e os *stakeholders* envolvidos. Na etapa seguinte são selecionados os temas presentes no relatório, o seu nível de abrangência e as metas que se desejam alcançar. Então entra a etapa de monitoramento, na qual se verificarão os processos da empresa e o seu desempenho por meio de indicadores, com coleta de informações e análise de áreas problemáticas. Por fim, as informações obtidas são comunicadas, por meio do Relatório de Sustentabilidade, e analisadas para que a empresa possa tomar decisões estratégicas de melhoria.

Os relatórios propostos pela GRI têm diferentes níveis de aplicação (A, B ou C), que variam de acordo com o número de indicadores de desempenho e de informações contidos no relatório. Um relatório de nível C deve ter um mínimo de 10 indicadores respondidos, o de nível B deve ter 20 indicadores e o de nível A deve responder todos os indicadores essenciais. Além do nível de aplicação dos indicadores, também existem três formas distintas de comunicar o relatório, que são:

- Autodeclaração, que é o relatório divulgado pela empresa sem revisão ou auditoria.
- Relatório revisado pela GRI, que analisa a coerência do relatório. Quando aprovado, pode ser publicado com o logo do GRI (Figura 4).
- Auditoria externa, que ocorre quando a empresa contrata um órgão de terceira parte para verificar se as informações contidas no relatório são coerentes com as práticas da organização. Quando a auditoria é realizada, o relatório é classificado com o símbolo “+” após a letra do nível de aplicação.

Em resumo, entre as diretrizes presentes no documento da GRI destacam-se a definição de conteúdo, a qualidade e o limite do relatório, sendo os relatórios de maior qualidade aqueles mais transparentes e que, segundo Clarissa Lins (diretora-executiva da Federação Brasileira para o Desenvolvimento Sustentável), contem as questões mais relevantes para a companhia no que diz respeito ao desenvolvimento sustentável. Lins acredita que os relatórios devem ser instrumentos de gestão e não de comunicação e por isso devem ser o mais transparente possível, apresentando tanto os pontos positivos da companhia quanto os negativos.

Global Reporting Initiative (GRI)

A Global Reporting Initiative (GRI) é uma organização não-governamental cujo objetivo é elevar as práticas de relatórios de sustentabilidade das empresas a um nível de qualidade equivalente ao dos relatórios financeiros. O conjunto de diretrizes e indicadores da GRI proporciona a comparabilidade, credibilidade, periodicidade e legitimidade da informação na comunicação do desempenho social, ambiental e econômico das organizações.

A GRI iniciou em 1997 e suas atividades tem como foco atingir o *triple bottom line*, que é o desenvolvimento que busca um equilíbrio entre as variáveis econômica, social e ambiental.

A primeira versão das Diretrizes para Relatório de Sustentabilidade foi lançada em 1999. A segunda versão do documento foi lançada em 2002 e publicada em português em 2004, numa parceria do Instituto Ethos com a GRI. A terceira geração das diretrizes, a G3, foi lançada em 2006 e é utilizada até hoje.

A GRI busca a melhoria contínua das suas diretrizes e em propagar essa ideia para diferentes países. O número de empresas brasileiras que elaboram seus relatórios seguindo as diretrizes da GRI saltou de 30 para 131, no período de 2003 a 2009; além disso, mais de 1000 empresas em todo o mundo elaboram seus relatórios de acordo com a GRI-G3. Apesar deste avanço, a atuação do Brasil ainda é tímida frente à publicação de relatórios no resto do mundo, como pode ser visto na Figura 5.

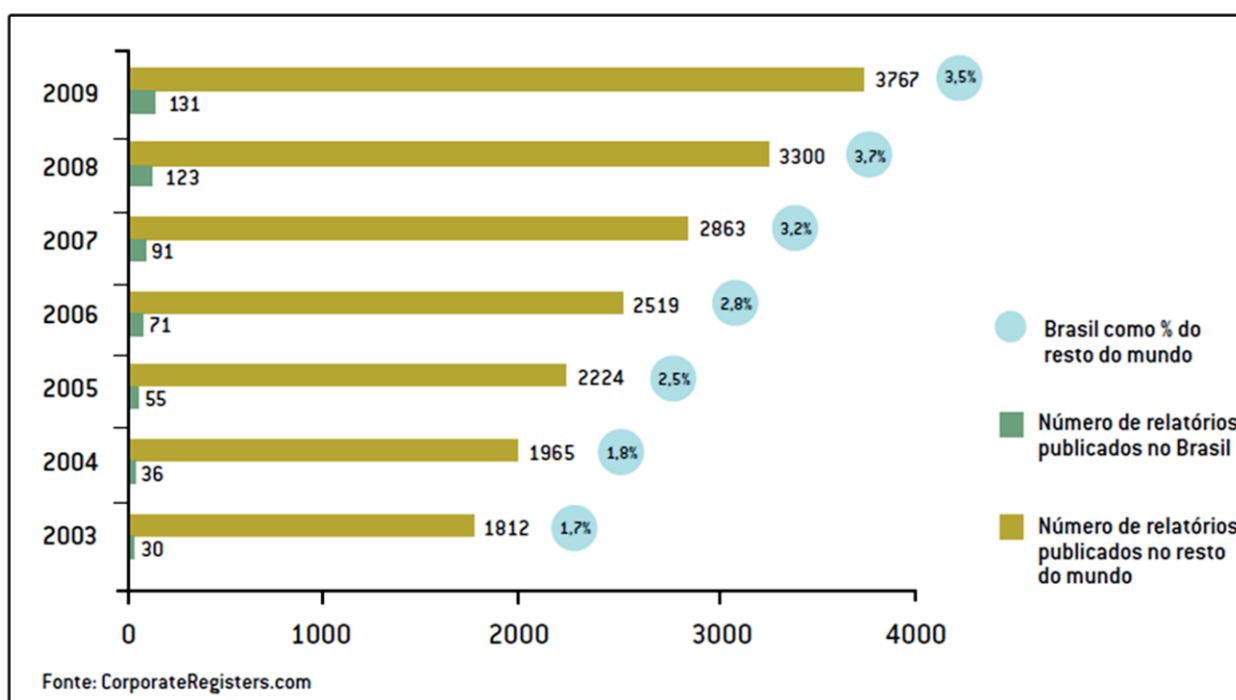


Figura 5 - Relação de relatórios publicados.

Fonte: Relatório Rumo à Credibilidade (Global Reporters, 2010).

Benefícios da elaboração do relatório segundo as diretrizes da GRI

O relatório de sustentabilidade pode ser um importante instrumento de competitividade, tendo em vista que a empresa precisa ter controle dos seus processos para elaborá-lo e, assim, poder vislumbrar oportunidades de melhoria. De acordo com Silva (2001), a competitividade depende de fatores internos, que dizem respeito, entre outros assuntos, à capacidade da

empresa de gerir seu negócio e inovar; de fatores estruturais, que são os referentes ao mercado; e de fatores sistêmicos, que são aqueles relacionados ao ambiente macroeconômico e englobam as leis, a política e a sociedade.

A competitividade é um conceito dinâmico. Para acompanhar o complexo processo concorrencial, as empresas devem ter um olho no passado – para fortalecer os acertos e não repetir erros; os pés firmes no presente – para posicionar-se com segurança diante da instabilidade do mercado; e um olhar atento para o futuro – para promover os ajustes necessários. (SILVA, 2001).

Os relatórios devem ser utilizados para a contínua melhoria dos processos de uma organização. Segundo a norma ISO 9000, o objetivo da melhoria contínua é aumentar a satisfação dos clientes e de outras partes interessadas. A melhoria contínua é um processo focado na inovação incremental e constante e deve ser realizado por todos da empresa. O relatório pode ser utilizado para a melhoria contínua da gestão empresarial ao identificar e diagnosticar os pontos fortes da companhia, assim como aqueles que devem ser melhorados e que podem apresentar oportunidades de inovação.

Apesar de ser um instrumento de gestão, o relatório também pode ser utilizado para conquistar consumidores sensíveis às causas ambientais. E a tendência é que os consumidores se conscientizem cada vez mais com estas questões na hora de escolher um produto ou serviço e um relatório de sustentabilidade bem elaborado pode ser uma excelente oportunidade de aumentar a transparência da empresa e aumentar a fidelidade e a motivação dos diferentes stakeholders.

3.3. Avaliação de Desempenho Ambiental e ISO 14031

A ADA pode ser utilizada para auxiliar no Sistema de Gestão Ambiental (SGA) de uma empresa, proporcionando informação para determinar se o desempenho ambiental de uma organização cumpre os critérios previamente estabelecidos. A ISO 14031 é a norma que dá diretrizes para a Avaliação de Desempenho Ambiental. Segundo a ISO 14031, o desempenho ambiental de uma organização deve ser analisado de acordo com a sua política ambiental, os seus objetivos e suas metas. Para organizações que não possuem o SGA, a ADA pode auxiliar na identificação dos aspectos ambientais, na determinação dos aspectos mais significativos,

no estabelecimento dos critérios para analisar o desempenho ambiental e na avaliação do desempenho ambiental de acordo com os critérios escolhidos.

Para se avaliar o desempenho ambiental, a ISO 14031 adota indicadores de desempenho, que são divididos em duas categorias gerais: Indicador de Condição Ambiental (ICA) e Indicador de Desempenho Ambiental (IDA). Enquanto o ICA fornece informações sob medições realizadas em concordância com os dispositivos legais vigentes, o IDA pode ser dividido em dois grupos:

- Indicadores de Desempenho Gerencial – IDG: fornecem informações provenientes dos esforços de gestão da empresa que possam afetar positivamente o seu desempenho ambiental, como a melhoria no gerenciamento dos resíduos sólidos. OS IDG incluem o atendimento aos requisitos legais, o treinamento de funcionários e os investimentos em programas ambientais;
- Indicadores de Desempenho Operacional – IDO: são indicadores que dão informações referentes ao processo produtivo da Organização e que refletem no seu desempenho ambiental, como o consumo de água e energia. Os IDO relacionam-se à entrada e saída de materiais, ao fornecimento de insumos e ao projeto, instalação e operação da empresa.

4. METODOLOGIA

A metodologia escolhida para a realização do trabalho é uma junção de pesquisa exploratória com pesquisa descritiva.

As informações foram adquiridas por meio da leitura dos relatórios de sustentabilidade divulgados por algumas empresas do setor automobilístico e de material bibliográfico referente ao tema. O material bibliográfico deu a base da pesquisa, com informações sobre os aspectos mais relevantes do setor, os impactos ambientais mais significativos e as forças e debilidades das indústrias automobilísticas. Nos relatórios das empresas foram buscados indicadores referentes ao seu desempenho econômico, social e ambiental, com maior ênfase ao último, e que mostram como as indústrias atuam frente ao mercado, quais os seus diferenciais e suas principais preocupações. Esta fase do trabalho consiste na pesquisa exploratória.

Os indicadores selecionados nas etapas anteriores foram comparados, analisados e interpretados, para tornar possível o conhecimento das práticas comuns do segmento automobilístico e como os relatórios GRI podem contribuir com as empresas desse setor. Essa etapa caracteriza a pesquisa do tipo descritiva (RODRIGUES, 2007).

5. ESTUDO DE CASO

5.1. Setor automotivo

A indústria automotiva nacional teve início em 1919, com a vinda da Ford para o país. A primeira linha de montagem e o escritório da empresa de Henry Ford foram montados no centro da cidade de São Paulo. Após alguns anos, em 1925, a General Motors chegou ao Brasil, abrindo inicialmente uma fábrica no bairro do Ipiranga e dois anos mais tarde uma fábrica em São Caetano do Sul. A abertura dessas fábricas fez com que o número de veículos no país, entre carros de passeio e caminhões, saltasse de pouco menos de 6000 para quase 70000 entre os anos de 1920 e 1939.

No entanto, foi apenas com a posse de Juscelino Kubistschek, em 1956, e seu plano de metas que a indústria automotiva nacional pode se firmar. Neste mesmo ano, a primeira fábrica de caminhões com motor nacional da Mercedes-Benz foi instalada em São Bernardo do Campo. Quase todas as indústrias de autopeças se fixaram na Grande São Paulo, o que impulsionou o rápido crescimento econômico da cidade, com a criação de empregos, tecnologia e o desenvolvimento industrial.

No início dos anos 90, as poucas indústrias se concentravam, principalmente, no estado de São Paulo. Com políticas de incentivo do governo e as condições favoráveis para instalação no país, o número de indústrias aumentou, elas se espalharam e estão em quase todas as regiões do país nos dias de hoje. Essa distribuição da produção nacional pode ser observada na Figura 6.

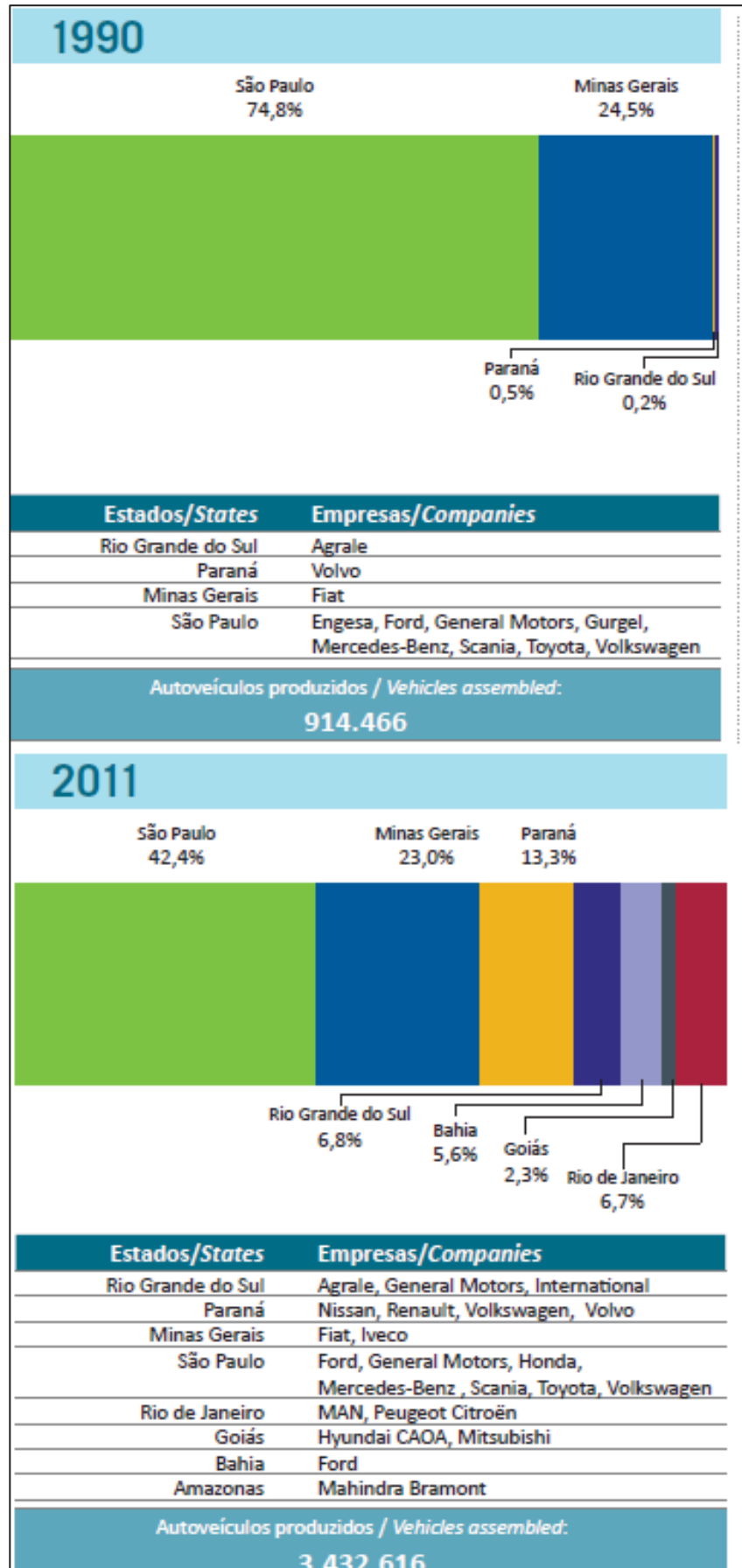


Figura 6 – Autoveículos produzidos, por unidade da Federação, nos anos de 1990 e 2011.
Fonte: Adaptado do Anuário da Indústria Automobilística Brasileira 2011

Um estudo realizado pelo BNDES (2008), intitulado “Panorama do setor automotivo: as mudanças estruturais e as perspectivas para o Brasil”, resume as quatro grandes fases da indústria automobilística brasileira desde 1990. As fases citadas pelo estudo são:

- a) Primeira Fase – 1990 a 1992: Fase de Estagnação: Em 1990, a economia do país estava fechada, o setor automotivo não era competitivo e os carros eram atrasados tecnologicamente. Com o processo de abertura econômica, o governo, as indústrias, as concessionárias e os trabalhadores se uniram e formaram a Câmara Setorial da Indústria Automobilística, que tinha o objetivo de modernizar o setor e na qual eram discutidos assuntos relevantes ao segmento. A indústria ganhou um impulso, porém as poucas montadoras nacionais não suportaram a concorrência internacional.
- b) Segunda Fase – 1993 a 1997: Fase de Ascensão: Uma série de atividades marcou a revitalização do setor automotivo. Pode-se citar o lançamento do programa do carro popular, em 1993, que diminuía os impostos para os veículos desta categoria; a estabilização da economia, promovida pelo sucesso do Plano Real, em 1994; e o lançamento do Regimento Automotivo, uma política industrial criada pelo governo para que o segmento ganhasse competitividade e aumentasse as exportações, por meio de incentivos fiscais, diminuição das taxas de importação de matéria-prima e bens de consumo e benefícios extras para as empresas que se instalassem em regiões menos desenvolvidas do país.
- c) Terceira Fase – 1998 a 2003: Fase de Queda: Durante esse período, um conjunto de crises afetou a indústria automotiva nacional de maneira significativa. Em 1997, com a crise asiática, as taxas de juros brasileiras foram aumentadas para conter a fuga de capitais. Como as vendas do setor automotivo dependem, em grande parte, de financiamento, a alta dos juros afetou o desempenho do setor. Em 1998, foi a crise da Rússia que atrapalhou o setor e, novamente, o Banco Central elevou as taxas de juros. Com isso, o mercado de veículos afundou de vez e as montadoras se viram obrigadas a se reestruturar e redimensionar suas atividades no Brasil.
- d) Quarta Fase – 2004 a 2008: Fase de Retomada de Investimentos: com a eleição de Lula, o primeiro presidente brasileiro de um partido de esquerda, o mercado ficou em dúvidas sobre quais seriam as políticas econômicas adotadas. O governo manteve a base da política econômica já existente e ganhou credibilidade dos investidores. Com isso, somado ao cenário externo favorável e a inflação controlada, o setor passou a se recuperar. Com a regulamentação do crédito, os acordos com países parceiros – como a Argentina – e o surgimento da nova classe C, o setor automotivo atingiu níveis de

venda que são considerados estáveis e com chances quase nulas de diminuir significativamente.

O setor automotivo é responsável por alavancar a economia e dar força para outros setores se desenvolverem. Segundo o estudo “Sustentabilidade no Setor Automotivo” do instituto UniEthos (2012), o segmento é o segundo maior mercado consumidor da indústria siderúrgica, consumindo quase 15% do total de aço, além de ter grande importância para as indústrias de alumínio (5%), petroquímicas (7%) e de vidro.

A expansão do mercado automobilístico contribuiu diretamente para o desenvolvimento econômico e social do Brasil. No entanto, as políticas regulatórias têm ficado mais exigentes e aumentado a responsabilidade das empresas no que diz respeito aos impactos sociais e ambientais. Um exemplo é a Lei 12.305, decreto nº 7404/2010, que define a Política Nacional dos Resíduos Sólidos, que instituiu a obrigatoriedade de um plano de logística reversa para a disposição final dos resíduos por parte dos geradores. Ao mesmo tempo, aumentaram as pressões da sociedade e as empresas passaram a se preocupar com a sua reputação para conquistar os clientes.

Por ser um setor de importância acentuada, que movimenta a economia, por impactar a vida da maior parte da população nacional e por causar danos significativos ao meio ambiente, a indústria automotiva foi escolhida para ser objeto de estudo deste trabalho.

5.2. Aspectos e Impactos ambientais no setor automotivo

De acordo com dados divulgados pelo site Estadão (2012), o Brasil já tem um carro para cada cinco pessoas. Se por um lado a venda de automóveis contribui com a economia e demonstra o enriquecimento da população, por outro traz consequências sérias para o meio ambiente.

A consequência mais fácil de ser notada pelo crescimento do número dos veículos é o aumento dos congestionamentos, que impacta diretamente a qualidade de vida da população. Há também a piora na qualidade do ar, o aumento das emissões de CO₂ (diretamente ligado ao aquecimento global) e a existência de acidentes causados pelos veículos.

Para aplicar de maneira efetiva a sustentabilidade nas suas ações, as empresas devem analisar todo o ciclo de vida de seus produtos, desde a extração até a destinação final.

O estudo “Sustentabilidade no Setor Automotivo” (UniEthos, 2012) revela que as atividades relacionadas à indústria automotiva causam impactos diretos e indiretos na

sociedade. Os impactos diretos são aqueles ligados à produção e utilização dos veículos, enquanto os impactos indiretos são os relacionados à produção e distribuição de matéria-prima e à destinação final dos resíduos. Entre os impactos listados pelo estudo, destacam-se: Impactos socioambientais na cadeia do aço, alumínio e petróleo; Degradação ambiental na cadeia do biocombustível; Baixa transparência em questões socioambientais; Baixa diversidade no quadro de trabalhadores; Emissão de Gases de Efeito Estufa (GEE); Emissão de poluentes; Congestionamento urbano; Poluição sonora; Mortes e acidentes; Disposição final do veículo e suas partes.

Para a elaboração deste trabalho foi dada atenção aos impactos diretos, causados pela produção e utilização dos veículos, e em como as empresas podem utilizar indicadores presentes nos relatórios de sustentabilidade GRI para controlar e/ou mitigar esses impactos.

5.3. Práticas ambientais do setor automotivo

As empresas do setor automotivo estão reagindo, mesmo que timidamente, às pressões da população e ao endurecimento das exigências legais. O estudo “Sustentabilidade no Setor Automotivo” (UniEthos, 2012) elaborou uma tabela que exhibe alguns dos principais impactos do setor automotivo e a existência ou não de iniciativas para mitigá-los ou controlá-lo. A tabela elaborada no estudo é exibida na figura 7.

IMPACTOS X INICIATIVAS EXISTENTES <i>(BR: Informações da montadora no Brasil)</i>	Fiat	Fiat ^{BR}	Ford	Ford ^{BR}	GM	GM ^{BR}	Toyota	Toyota ^{BR}	VW	VW ^{BR}
IMPACTOS SOCIOAMBIENTAIS NA CADEIA DO AÇO, ALUMÍNIO E PETRÓLEO	N	N	N	N	N	N	S	N	S	N
DEGRADAÇÃO AMBIENTAL NA CADEIA DO BIOCOMBUSTÍVEL	N	N	N	N	N	N	N	N	N	N
BAIXA TRANSPARÊNCIA EM QUESTÕES SOCIOAMBIENTAIS	S	N	S	N	S	N	S	S	S	N
BAIXA DIVERSIDADE NO QUADRO DE TRABALHADORES	S	N	N	N	N	N	S	S	S	N
EMIÇÃO DE GASES DE EFEITO ESTUFA (GEE)	S	N	N	S	S	N	S	N	S	S
EMIÇÃO DE POLUENTES	S	N	S	S	S	N	S	N	N	N
CONGESTIONAMENTO URBANO	S	N	S	N	S	N	N	N	S	N
POLUIÇÃO SONORA CAUSADA PELO TRÂNSITO	N	N	N	N	N	N	N	N	N	N

Figura 7 - Iniciativas existentes nas indústrias automotivas para controlar os impactos ambientais

Legenda: S = existe alguma iniciativa; N = não existem iniciativas.

Fonte: Sustentabilidade no Setor Automotivo (UniEthos, 2012)

Ao observar a tabela acima, pode-se notar que as iniciativas globais para tratar os impactos são diferentes daquelas que existem no Brasil. Essa diferença se deve, principalmente, às legislações e ao nível de fiscalização existentes. Apesar da evolução das preocupações com as questões ambientais, muitas empresas ainda são consideradas reativas, isto é: cumprem apenas os requisitos mínimos para atender às legislações.

Este fato, porém, tende a mudar o tempo. Prova disso é a lista emitida pela GRI que traz os relatórios elaborados desde 1999 até 2012 por indústrias de diversos setores. Neste documento pode-se observar que em 1999 apenas uma empresa do setor automotivo estava listada como elaboradora do relatório GRI. Em 2004, esse número já tinha saltado para nove empresas. A lista de 2011 conta com aproximadamente cinquenta relatórios GRI do setor automotivo. Fora estes relatórios, ainda existem os das empresas que os elaboram de maneira voluntária e sem verificação, que não entram na lista. A evolução dos relatórios pode ser observada na figura 8.

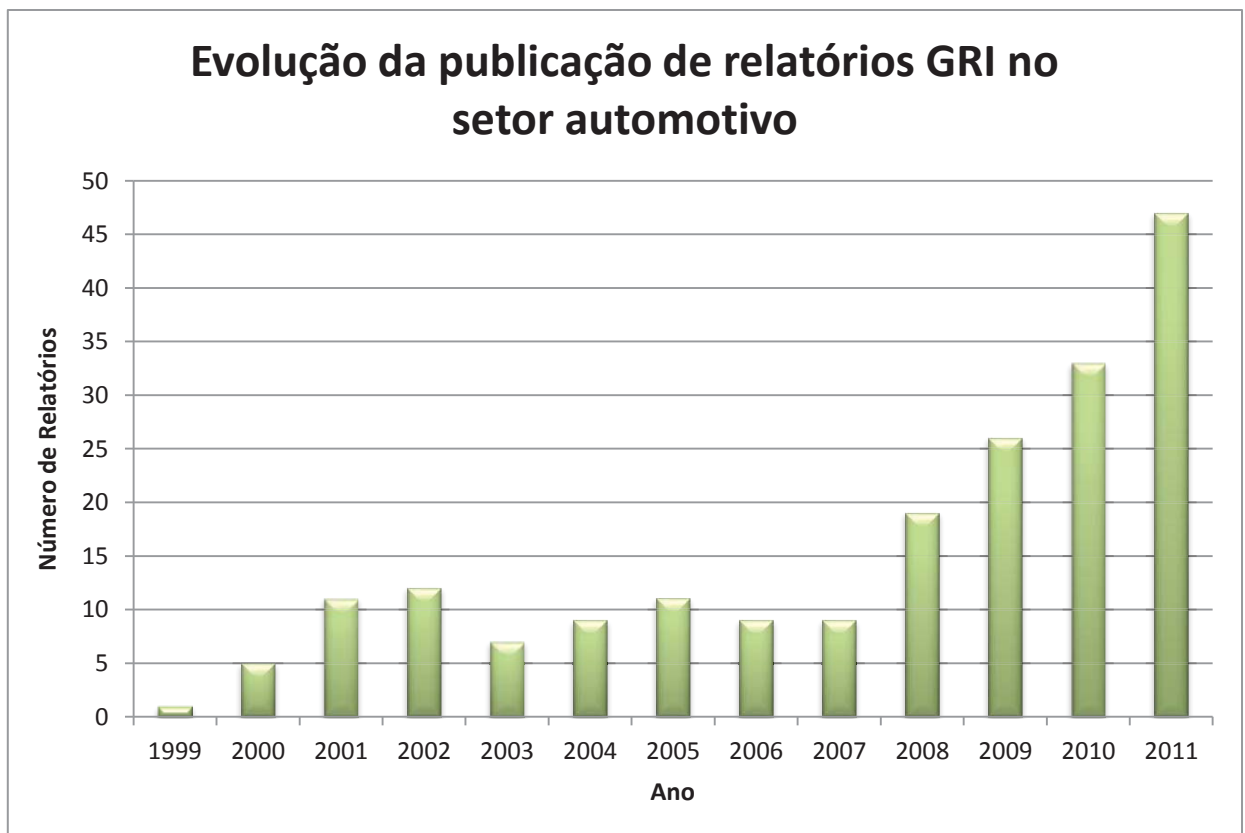


Figura 8 - Evolução da elaboração de relatórios GRI no setor automotivo.

Dados: GRI

6. RESULTADOS E DISCUSSÕES

6.1. Características dos relatórios escolhidos

As empresas escolhidas para o estudo foram as filiais brasileiras da General Motors (GM), Renault, Toyota e Volvo. Estas empresas foram selecionadas devido ao fato de seus relatórios de sustentabilidade serem disponibilizados também em português, o que relata uma preocupação com as partes interessadas desta empresa no Brasil, e por seguirem total ou parcialmente as diretrizes GRI. O quadro 1 abaixo mostra um resumo das características gerais dos relatórios das empresas escolhidas.

Quadro 1- Características gerais dos relatórios das empresas analisadas.

Companhia	GM	Renault	Toyota	Volvo
Nome Relatório	Relatório Anual de Sustentabilidade 2011	Relatório de Sustentabilidade Renault	Relatório de Sustentabilidade 2011	Relatório Socioambiental 2011
Tipo Relatório	“Sustentável” (Ambiental/Social /Econômico)	“Sustentável” (Ambiental/Social /Econômico)	“Sustentável” (Ambiental/Social /Econômico)	“Sustentável” (Ambiental/Social /Econômico)
Formato do relatório	PDF	PDF	PDF	Disponível somente na internet
Nº de indicadores (por tipo)	23 (15 ambientais, 7 sociais e 1 econômico)	-	30 (12 ambientais, 14 sociais e 4 econômicos)	-
Nº de relatórios GRI já publicados	0	0	2	1
Ano de Referência	2011	2010/2011	2010/2011	2009/2010
Periodicidade	Bianual	Anual	Anual	Bianual
Idiomas	Inglês/ Português	Português	Português	Português
Nº de páginas	116	47	39	Não Aplicável
Auditor	Não tem	Não tem	Não tem	Não tem
Consultoria GRI, Redação e Edição	Report Sustentabilidade	Repense Comunicação	Report Comunicação	Não conhecido

Adaptado de: Governança Multilateral e a Global Reporting Initiative: O Envolvimento das Maiores e Melhores Empresas Brasileiras (ALIGLIERI & SOUZA. 2010).

General Motors do Brasil

O Relatório Anual de Sustentabilidade 2011 da General Motors do Brasil não conta com um nível específico de aplicação das diretrizes GRI e não foi objeto de auditoria externa. O relatório aborda 23 indicadores de desempenho, sendo um na esfera econômica, sete na social e 15 na ambiental. Os principais indicadores de bom desempenho do setor automotivo são abordados no relatório da GM.

No final do documento existe um índice remissivo, onde podem ser encontrados os indicadores GRI que foram relatados e a página onde se encontram no relatório. No decorrer do documento existem códigos de identificação dos indicadores GRI. Essa prática torna a leitura mais prática e aumenta a transparência da empresa.

No geral, o relatório é de leitura fácil e apresenta as principais informações da empresa. O único aspecto negativo é a presença de um texto em português e sua tradução em inglês ao lado, o que deixa o relatório um pouco poluído visualmente.

Renault

O relatório da Renault foi elaborado seguindo as diretrizes da GRI e os seus dados não foram auditados por nenhuma instituição externa.

As principais ações relatadas se referem ao Instituto Renault, que foi criado para, segundo o que consta no relatório, “envolver a sociedade em prol de um futuro melhor”. As ações do Instituto Renault devem estar inseridas nos seus quatro ramos de atuação: Educação; Segurança no Trânsito; Desenvolvimento Social e Diversidade; Sustentabilidade Ambiental e Mobilidade. O Instituto Renault é uma ótima iniciativa para a empresa impactar e envolver os stakeholders e melhorar a vida da população que vive próximo das unidades Renault: em Curitiba, São José dos Pinhais, São Paulo e Jundiá.

Apesar de a primeira impressão ser de que são relatadas apenas atividades relacionadas ao Instituto Renault, o relatório aborda diversos indicadores importantes para o setor e que dizem respeito às ações da Renault em si, como o consumo de água e energia elétrica, a geração de resíduos e as emissões atmosféricas provenientes das suas atividades. Essas informações podem ser encontradas no “sumário GRI”, localizado no final do documento.

Toyota do Brasil

O relatório de sustentabilidade da Toyota foi elaborado, assim como os outros, seguindo as diretrizes da GRI e atingiu o nível B autodeclarado, sem ter passado por nenhuma auditoria externa.

O relatório aborda os indicadores de importância significativa para o setor automotivo, como emissões atmosféricas e de efluentes, uso de água e energia elétrica e geração de resíduos. Relata também os prêmios recebidos pela empresa e os aspectos negativos, como o chamado para o recall de veículos, e como isso afetou no resultado final da empresa.

Entre os relatórios utilizados para o estudo, ele é o de leitura mais fácil, pois a informações são passadas de maneira direta e simples e ele conta com “códigos” de identificação presentes em todo o documento. Esses códigos também são encontrados no final do documento, no Índice Remissivo, ao lado do indicador ao qual se refere e com a página do documento na qual se encontra.

Volvo

O relatório da Volvo também não foi auditado. Ele perde um pouco de valor porque, segundo informação presente no relatório, “o processo de definição da materialidade das informações se limitou às equipes diretamente envolvidas no documento e não contou com a participação de outros públicos”, deixando de lado as informações de interesse dos stakeholders.

O relatório também é o que mais se distancia da estrutura dos relatórios GRI: não apresenta o índice remissivo, não aborda os principais indicadores do setor e as informações são passadas de maneira parcial e não transparentes. Essa distância do relatório da Volvo das diretrizes da GRI pode dar-se pelo fato de a empresa ter seguido as diretrizes do Instituto Ethos e ter aplicado as diretrizes GRI “de forma gradual”, segundo consta no relatório.

6.2. Análise comparativa dos relatórios de sustentabilidade das empresas.

Para a análise comparativa dos relatórios de sustentabilidade foram selecionados, com base na bibliografia e em estudos referentes ao tema, os indicadores que retratam o bom desempenho das empresas do setor no que se refere às esferas econômica, social e ambiental.

Indicadores são parâmetros, geralmente numéricos, que representam algum fenômeno e são úteis à tomada de decisão. Os indicadores são utilizados para medir um processo e como forma de controle, avaliação e monitoramento, com a finalidade de melhorar a sua eficiência e os resultados obtidos.

Os indicadores selecionados foram escolhidos por representar as principais atividades das empresas do setor automotivo e os gastos, usos de recursos naturais e descartes mais significativos para este segmento da indústria. Eles foram divididos em diferentes categorias e estão listados abaixo:

- O indicador “Prêmios recebidos no período coberto pelo relatório” é importante porque mostra que a empresa realiza ações reconhecidas por órgãos especializados e que suas boas práticas são referência de mercado, seja as que dizem respeito ao meio ambiente, à qualidade de seus produtos ou ao resultado final obtido no ano.

- Indicadores que representam a quantidade de recursos naturais utilizados para a atividade produtiva da empresa, o que gera custo e mostra a preocupação da organização com o meio ambiente: “Consumo de energia direta discriminado por fonte de energia primária”, “Consumo de energia indireta discriminado por fonte de energia primária” e “Total de retirada de água por fonte”.

- Indicadores que representam iniciativas da empresa para melhorar a sua eficiência, reduzir custos e agredir de forma menos intensa o meio ambiente: “Energia economizada devido a melhorias em conservação e eficiência”, “Iniciativas para fornecer produtos e serviços com baixo consumo de energia ou que usem energia gerada por recursos renováveis, e a redução na necessidade de energia resultante dessas iniciativas”, “Percentual e volume total de água reciclada e reutilizada”, “Iniciativas para reduzir as emissões de GEE e as reduções obtidas”, “Iniciativas para mitigar os impactos ambientais de produtos e serviços e a extensão da redução desses impactos” e “Total de investimentos e gastos em proteção ambiental, por tipo”.

- Indicadores que representam os descartes e as emissões da empresa, que geram custos, podem causar danos ao meio ambiente e mostram a eficiência das empresas no uso de

recursos: “Total de emissões diretas e indiretas de gases causadores do efeito estufa, por peso”, “Outras emissões indiretas relevantes de gases causadores do efeito estufa, por peso”, “Emissões de substâncias destruidoras da camada de ozônio, por peso”, “Nox, Sox e outras emissões atmosféricas significativas, por tipo e peso”, “Descarte total de água, por qualidade e destinação”, “Peso total de resíduos, por tipo e método de disposição” e “Número e volume total de derramamentos significativos”.

- Indicadores que representam a adequação da empresa às exigências legais, além de custos financeiros que afetam de forma direta o balanço monetário da empresa: “Implicações financeiras e outros riscos e oportunidades para as atividades da organização devido a mudanças climáticas” e “Valor monetário de multas significativas e número total de sanções não-monetárias resultantes da não conformidade com leis e regulamentos ambientais”.

- Indicadores que representam a preocupação da empresa com os seus recursos humanos, que demonstram a segurança das atividades diárias realizadas por funcionários: “Média de horas de treinamento por ano, por empregado, discriminadas por categoria funcional”; “Taxa de lesões, doenças ocupacionais, dias perdidos, absenteísmo e óbitos relacionados ao trabalho, por região”; e “Percentual e número total de contratos de investimentos significativos que incluam cláusulas referentes a direitos humanos ou que foram submetidos à avaliações referentes a direitos humanos”.

- Por último, o indicador social “Composição dos grupos responsáveis pela governança corporativa e discriminação de empregados por categoria, de acordo com gênero, faixa etária, minorias e outros indicadores de diversidade” é utilizado para demonstrar os projetos das empresas referentes à inclusão social, respeito às diferenças e participação das minorias no seu quadro de trabalhadores. Esse indicador é um ótimo parâmetro para medir a preocupação social da empresa.

Após a seleção dos indicadores, foi feito um comparativo entre quais são relatados pelas empresas. Essa comparação pode ser encontrada no Quadro 2.

Quadro 2 – Comparação dos indicadores GRI relatados pelas empresas entre aqueles selecionados para o estudo.

Indicadores GRI	GM	RENAULT	TOYOTA	VOLVO
Prêmios recebidos no período coberto pelo relatório	•	•	•	•
Consumo de energia direta discriminado por fonte de energia primária	•	•		
Consumo de energia indireta discriminado por fonte de energia primária	•	•	•	
Total de retirada de água por fonte	•	•	•	
Energia economizada devido a melhorias em conservação e eficiência			•	
Percentual e volume total de água reciclada e reutilizada	•	•	•	
Iniciativas para reduzir as emissões de GEE e as reduções obtidas	•	•		
Iniciativas para mitigar os impactos ambientais de produtos e serviços e a extensão da redução desses impactos		•	•	
Iniciativas para fornecer produtos e serviços com baixo consumo de energia ou que usem energia gerada por recursos renováveis, e a redução na necessidade de energia resultante dessas iniciativas		•	•	
Total de investimentos e gastos em proteção ambiental, por tipo	•		•	
Total de emissões diretas e indiretas de gases causadores do efeito estufa, por peso	•			
Outras emissões indiretas relevantes de gases causadores do efeito estufa, por peso				
Emissões de substâncias destruidoras da camada de ozônio, por peso			•	

Quadro 2 - Comparação dos indicadores GRI relatados pelas empresas entre aqueles selecionados para o estudo. (continuação)

Indicadores GRI	GM	RENAULT	TOYOTA	VOLVO
Nox, Sox e outras emissões atmosféricas significativas, por tipo e peso	•	•		
Descarte total de água, por qualidade e destinação	•		•	
Peso total de resíduos, por tipo e método de disposição	•	•	•	
Número e volume total de derramamentos significativos	•	•	•	
Implicações financeiras e outros riscos e oportunidades para as atividades da organização devido a mudanças climáticas			•	
Valor monetário de multas significativas e número total de sanções não-monetárias resultantes da não conformidade com leis e regulamentos ambientais	•	•		
Média de horas de treinamento por ano, por empregado, discriminadas por categoria funcional	•	•		
Taxa de lesões, doenças ocupacionais, dias perdidos, absenteísmo e óbitos relacionados ao trabalho, por região		•		
Percentual e número total de contratos de investimentos significativos que incluam cláusulas referentes a direitos humanos ou que foram submetidos à avaliações referentes a direitos humanos				
Composição dos grupos responsáveis pela governança corporativa e discriminação de empregados por categoria, de acordo com gênero, faixa etária, minorias e outros indicadores de diversidade	•	•		

A análise do quadro 2 mostra que os relatórios da GM e da Renault abordam, cada um, 15 dos 23 indicadores previamente escolhidos, enquanto o da Toyota aborda 13 indicadores. Estes relatórios contemplam os principais indicadores de desempenho do setor automotivo

O relatório da Volvo, diferente dos demais, aborda apenas um dos 23 indicadores escolhidos. No relatório é possível encontrar citações referentes aos indicadores, mas nenhum dado específico é relatado. Essa não adequação do relatório da Volvo pode se dar pelo fato de a empresa ter escolhido utilizar as diretrizes propostas pelo GRI de forma gradual, e o seu relatório ser norteado, principalmente, pelas orientações presentes no Guia para Elaboração do Balanço Social e Relatório de Sustentabilidade do Instituto Ethos.

A observação do quadro 2 permite ainda identificar quais os indicadores mais frequentes nos relatórios das empresas e assim descobrir quais são os principais itens levados em consideração na gestão das organizações.

Dos indicadores escolhidos, apenas um é relatado pelas quatro empresas, que é o referente aos prêmios recebidos pelas empresas no período do relatório. Esse indicador é relevante porque evidencia que todas as quatro empresas tem algum ponto de destaque que foi reconhecido por instituições externas, premiando suas boas práticas ou alguma de suas ações. Este indicador é muito positivo e por isso é o que as empresas mais querem relatar, mas deve-se tomar cuidado porque o fato de uma empresa receber prêmios não significa que ela é perfeita em todos os aspectos.

Foram cinco os indicadores que foram relatados por três empresas e eles também merecem destaque devido à alta frequência com que aparecem. Estes indicadores são os que fazem referência: ao consumo de água e energia, ao volume de água reciclada ou reutilizada, ao peso total dos resíduos e sua forma de descarte e, por último, o indicador referente ao número de derramamentos significativos.

Além dos indicadores já citados, outros dez foram relatados por duas empresas, cinco foram relatados por apenas uma das empresas e dois não foram relatados por nenhuma das organizações.

6.3. Relatórios de Sustentabilidade e os Indicadores de competitividade e melhoria da gestão empresarial

A comparação entre os relatórios elaborados pelas organizações deixa em evidência quais são os itens de maior preocupação para as empresas do setor automotivo.

O indicador “Prêmios recebidos no período coberto pelo relatório” é um bom parâmetro de competitividade, uma vez que ao ser premiada a empresa fica em evidência para o público e para o mercado e suas boas práticas são reconhecidas.

Os cinco indicadores que foram relatados por três das empresas também são importantes. Por aparecerem em três dos quatro relatórios analisados, pode-se deduzir que são representativos no setor. Os indicadores são “Consumo de energia indireta discriminado por fonte de energia primária”, “Total de retirada de água por fonte”, “Peso total de resíduos, por tipo e método de disposição”, “Número e volume total de derramamentos significativos” e “Percentual e volume total de água reciclada e reutilizada”. O controle destes indicadores está atrelado a custo e ao cuidado com o meio ambiente de forma direta.

O acompanhamento eficiente dos indicadores de consumo, como o de energia e de água, é essencial para as empresas que querem reduzir custos. Estes indicadores evidenciam onde estão os custos da empresa no que se refere aos recursos naturais e auxiliam na tomada de decisão das organizações que desejam reduzir esse consumo, destacando onde a utilização é maior, onde é essencial, onde pode ser alterada, entre outras opções. Uma opção para reduzir o custo do consumo de água é reutilizar e/ou reciclar este produto em processos que não necessitam de água potável, e essa quantidade é controlada pelo indicador “Percentual e volume total de água reciclada e reutilizada”. Para a energia, o controle do indicador “Energia economizada devido a melhorias em conservação e eficiência” mostra o resultado daquilo que já está sendo feito.

O controle do indicador que se refere ao peso dos resíduos, assim como os de consumo de água e energia, pode contribuir com a redução de custos da organização e com o aumento da eficiência de seus processos. Um exemplo recorrente do custo dos resíduos é a compra de matéria-prima sem controle e posterior descarte de grande parte deste material, que fica obsoleto após ficar um tempo armazenado. O controle do indicador pode contribuir com a análise do que está sendo descartado e a mudança dos processos de aquisição e melhoria da eficiência do uso dos materiais, reduzindo custos tanto no momento da compra quanto no momento do descarte final.

O indicador “Número e volume total de derramamentos significativos” auxilia as empresas na análise de acidentes passados e mudança de seus processos para que estes acidentes não voltem a ocorrer, contribuindo com os programas de conservação do meio ambiente e evitando que a empresa leve multas por descumprimento da legislação. Nesta linha, também deve ser analisado o indicador “Valor monetário de multas significativas e

número total de sanções não-monetárias resultantes da não conformidade com leis e regulamentos ambientais”.

Além dos indicadores citados, outro que merece atenção especial é o que se refere à média de horas de treinamento dos funcionários. Esse indicador tem sua importância no fato de que profissionais mais bem preparados tendem a produzir equipamentos de qualidade superior e mais competitivos, evitando não conformidades. Os treinamentos dos profissionais também devem ser nas áreas de saúde, segurança e meio ambiente (SSMA), diminuindo os riscos de ocorrência de acidentes pessoais e ambientais durante o processo de produção.

7. CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES

Com a elaboração do trabalho, os resultados obtidos e tomando como base os objetivos propostos, pode-se concluir que a metodologia comparativa adotada para a escolha dos principais indicadores de desempenho socioambiental das empresas se mostrou adequada. Partiu-se do pressuposto que as informações contidas nos relatórios são fidedignas e correspondem aquilo que é mais importante para a empresa, por isso não foi necessário aplicar questionários para confirmar os dados relatados ou para buscar dados adicionais.

Com isso, os seguintes indicadores GRI, entre os vinte pré-selecionados com base na bibliografia, foram escolhidos como sendo os mais importantes para o setor:

- a) “Prêmios recebidos no período coberto pelo relatório”;
- b) “Consumo de energia indireta discriminado por fonte de energia primária”;
- c) “Total de retirada de água por fonte”;
- d) “Peso total de resíduos, por tipo e método de disposição”;
- e) “Número e volume total de derramamentos significativos”;
- f) “Percentual e volume total de água reciclada e reutilizada”.

O quadro 3, abaixo, mostra os indicadores que podem colaborar de maneira direta com a competitividade e/ou com a melhoria contínua da gestão das empresas do setor automotivo.

Quadro 3 - Indicadores significantes e sua contribuição

Indicador	Melhoria Contínua	Competitividade
Prêmios recebidos no período coberto pelo relatório		√
Consumo de energia indireta discriminado por fonte de energia primária	√	
Total de retirada de água por fonte	√	
Peso total de resíduos, por tipo e método de disposição	√	
Número e volume total de derramamentos significativos	√	
Percentual e volume total de água reciclada e reutilizada	√	

Os indicadores que contribuem com a melhoria contínua da empresa são os de consumo, geração de resíduos e acidentes ambientais. As empresas podem utilizar os indicadores como subsídios para a melhoria de todo o seu processo produtivo. Com isso, reduzem-se os custos e a empresa pode utilizar essa receita para aprimorar suas ações, treinar seus funcionários e se tornar mais competitiva.

O indicador relativo aos prêmios recebidos aumenta a competitividade da empresa de maneira direta, uma vez que premia suas boas práticas e a coloca em evidência no mercado.

Existem poucas empresas do setor automotivo que elaboram o relatório de sustentabilidade seguindo as diretrizes GRI, o que demonstra que as iniciativas do setor ainda são tímidas e as empresas agem de maneira reativa no que diz respeito às questões ambientais, buscando apenas atender aos requisitos legais. A baixa frequência de relatórios de sustentabilidade GRI no setor pode dar-se também pelo fato de as empresas não enxergarem as possibilidades de melhoria que podem obter com a elaboração deste documento. Segundo Clarissa Lins, diretora executiva do FBDS, em reportagem ao site do jornal O Globo (2012), os relatórios ainda são enxergados como instrumentos de comunicação e marketing, não como um instrumento de gestão.

Concluiu-se que a elaboração do relatório de sustentabilidade GRI é importante para as empresas mapearem todos os seus processos e fazerem um levantamento crítico das suas ações, criando uma cultura de gestão dos indicadores e controlando, assim, todos os aspectos relacionados às suas atividades, identificando pontos de melhoria e auxiliando na tomada de decisões estratégicas.

Recomenda-se que, para aumentar o alcance dos relatórios de sustentabilidade, as empresas definam o conteúdo do documento em conjunto com os *stakeholders*, pois as ações da empresa podem influenciar cada um de uma maneira diferente e por isso eles tem interesses diferentes sobre aquilo que é abordado no relatório. Além disso, recomenda-se que as empresas submetam seus relatórios à revisão da GRI e/ou às auditorias externas, para que os dados relatados tornem-se mais confiáveis e transparentes.

8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ACCENTURE & UNITED NATIONS GLOBAL COMPACT. **A New Era of Sustainability**. 2010. Disponível em: <http://www.unglobalcompact.org/docs/news_events/8.1/UNGC_Accenture_CEO_Study_2010.pdf>. Acesso em: 18 out. 2011.
- ALIGLIERI, L; SOUZA, R. F. **Governança Multilateral e a Global Reporting Initiative: O Envolvimento das Maiores e Melhores Empresas Brasileiras**. INGEPRO – Inovação, Gestão e Produção, v. 2, n. 9, set 2010. Disponível em: <http://www.ingepro.com.br/Publ_2010/Set/267-827-1-PB.pdf>. Acesso em: 22 jul. 2012.
- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR ISO 14001**: ABNT, Rio de Janeiro, 2004.
- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR ISO 14031**: Gestão ambiental - Avaliação de desempenho ambiental - Diretrizes. ABNT, Rio de Janeiro, 2004.
- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR ISO 9000**: Sistemas de gestão da qualidade – Fundamentos e Vocabulário. ABNT, Rio de Janeiro, 2005.
- BNDES. **Panorama do setor automotivo: As mudanças estruturais da indústria e as perspectivas para o Brasil**. Disponível em: <http://www.bndes.gov.br/SiteBNDES/export/sites/default/bndes_pt/Galerias/Arquivos/conhecimento/bnset/set2806.pdf>. Acesso em: 15 ago. 2012.
- BRASIL. **Lei n 12.305, de 2 de agosto de 2010**. Institui a Política Nacional de Resíduos Sólidos; altera a Lei nº 9.605, de 12 de fevereiro de 1998; e dá outras providências. Disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2010/lei/112305.htm>. Acesso em: 15 out. 2012.
- CHIOZZOTTO, Sueli. **Relatório de Sustentabilidade: o novo Balanço Social**. Disponível em: <<http://www.sustentabilidaderesultados.com.br/relatorio-de-sustentabilidade-o-novo-balanco-social>>. Acesso em: 28 jun. 2012.
- ECORADAR **Normas para a gestão ambiental**. Disponível em: <<http://www.furb.br/ecoradar/brasil/normas/gestao.htm>>. Acesso em: 30 ago. 2012.
- ESCOBAR, H. **Meio ambiente é preocupação para 94% dos brasileiros entrevistados pelo Ibope**. Disponível em: <<http://www.estadao.com.br/noticias/impreso,meio-ambiente-e-preocupacao-para->

- 94-dos-brasileiros-entrevistados-pelo-ibope-,868445,0.htm>. Acesso em: 05 nov. 2012.
- FBDS. **Clipping: Falta foco em ações relevantes aos relatórios GRI brasileiros.** Disponível em: <<http://fbds.org.br>>. Acesso em: 30 jun. 2012.
 - FBDS. **Rumo à credibilidade. Uma pesquisa de relatórios de sustentabilidade no Brasil.** 2ª edição. 2010. Disponível em: <<http://fbds.org.br/fbds/IMG/pdf/doc-431.pdf>>. Acesso em: 12 jun. 2012.
 - FERREIRA, Leila. **A questão ambiental: sustentabilidade e políticas públicas.** São Paulo, 1998. Boitempo Editorial. 154p.
 - GENERAL MOTORS DO BRASIL. **Relatório Anual de Sustentabilidade 2011.** Disponível em: <http://media.gm.com/content/dam/Media/documents/BR/sobre_a_gm/GM_RS2011_paraSite.pdf>. Acesso em: 09 out. 2012.
 - GLOBAL REPORTING INITIATIVE. **Diretrizes para relatório de sustentabilidade.** 3ª edição. 2006. Disponível em: <<https://www.globalreporting.org/resourcelibrary/Portuguese-Starting-Points-2-G3.1.pdf>>. Acesso em: 13 ago. 2012.
 - IBASE - Instituto Brasileiro de Análises Sociais e Econômicas. **Balanco Social.** Disponível em: <<http://www.ibase.br/pt/2011/07/balanco-social/>> Acesso em: 15 jul. 2012.
 - INSTITUTO ETHOS. **Principais Modelos de Relatórios Socioambientais.** Disponível em: <<http://www.ethos.org.br/DesktopDefault.aspx?TabID=4198&Alias=ethos&Lang=pt-BR>>. Acesso em: 10 ago. 2012.
 - INTERNATIONAL FINANCE CORPORATION AND SUSTAINABILITY. **Market Movers: Lessons from a Frontier of Innovation.** Disponível em: <[http://www.ifc.org/ifcext/enviro.nsf/AttachmentsByTitle/p_MarketMovers/\\$FILE/MarketMovers_Final.pdf](http://www.ifc.org/ifcext/enviro.nsf/AttachmentsByTitle/p_MarketMovers/$FILE/MarketMovers_Final.pdf)>. Acesso em: 15 abr. 2012.
 - LINS, C. **Falta eficiência aos relatórios ambientais de empresas brasileiras, diz especialista:** depoimento. [23 de abril, 2012]. Rio de Janeiro: Site do jornal O Globo. Entrevista concedida a Emanuel Alencar. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/rio20/falta-eficiencia-aos-relatorios-ambientais-de-empresas-brasileiras-diz-especialista-4714277>>. Acesso em: 02 ago. 2012.

- MARQUES, Kelly. **Entenda o que é Sustentabilidade Corporativa**. Disponível em: <http://www.rh.com.br/Portal/Responsabilidade_Social/Roteiro/6251/entenda-o-que-e-sustentabilidade-corporativa.html>. Acesso em: 04 jul. 2012.
- MAZUR, Laura; MILES, Louella. **Conversas com os mestres da sustentabilidade**. São Paulo: Editora Gente. 320 p.
- MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE. **Agenda 21 Brasileira**. Disponível em: <<http://www.mma.gov.br/responsabilidade-socioambiental/agenda-21/agenda-21-brasileira>>. Acesso em: 20 set. 2012.
- NASCIMENTO, R.P; SEGRE, L. M. **Competitividade no setor automobilístico: um modelo de análise da flexibilidade no Brasil**. Disponível em: <<http://revistas.utfpr.edu.br/pg/index.php/revistagi/article/view/110>>. Acesso em: 21 set. 2012.
- PEIXE, B. C. S, ET AL. **Evolução do Sistema de Gestão Ambiental das Empresas no Brasil: Um Estudo Exploratório das Certificações**. In: INTERNATIONAL WORKSHOP ADVANCES IN CLEANER PRODUCTIONS, 3., 2011, São Paulo.
- RENAULT. **Relatório de Sustentabilidade**. Disponível em: <http://www.renault.com.br/mais_renault/instituto-renault/>. Acesso em: 09 out. 2012.
- RIBEIRO, C. L. **Principais práticas e indicadores de sustentabilidade corporativa no setor de energia elétrica no Brasil**. 2012
- RODRIGUES, W. **Metodologia Científica**. 2007
- ROMEIRO, A. R. **Desenvolvimento sustentável e mudança institucional: notas preliminares**. Texto para Discussão n. 68, IE/UNICAMP, Campinas, abr. 1999. Disponível em: <<http://www.eco.unicamp.br/index.php/textos>>. Acesso em: 17 jul. 2012.
- SILVA, C. L.. **Competitividade e estratégia empresarial: um estudo de caso da indústria automobilística brasileira na década de 1990**. , Rev. FAE, Curitiba, v.4, n.1, jan./abr. 2001. Disponível em: <http://www.unifae.br/publicacoes/pdf/revista_da_fae/fae_v4_n1/competitividade_e_es_trategia.pdf>. Acesso em: 11 mai. 2012.
- SILVA, C. **País tem 1 carro para cada 5 habitantes**. Disponível em: <<http://economia.estadao.com.br/noticias/economia,pais-tem-1-carro-para-cada-5-habitantes,109273,0.htm>>. Acesso em: 05 nov. 2012.

- SOUZA, R. S. **Evolução e Condicionantes da Gestão Ambiental nas Empresas**. READ, Santa Maria, v. 8, n. 6, nov/dez 2002. Disponível em: <http://lcf.esalq.usp.br/prof/edson/lib/exe/fetch.php?media=ensino:graduacao:artigo_read_souza.pdf>. Acesso em: 22 mai. 2012.
- TOYOTA DO BRASIL. **Relatório de Sustentabilidade 2011**. Disponível em: <http://www.toyota.com.br/sobre_toyota/meio_ambiente/relatorio_sustentabilidade.aspx>. Acesso em: 10 out. 2012.
- UNIETHOS. **Sustentabilidade no Setor Automotivo, 2012**. Disponível em: <www.uniethos.org.br>. Acesso em: 10 set. 2012.
- UFSM – Universidade Federal de Santa Maria. **Evolução e Condicionantes da gestão ambiental nas empresas**. Santa Maria, 2002.
- VOLVO. **Relatório Socioambiental 2011**. Disponível em: <<http://www.volvo.com.br/relatoriosocial/relatorio2011h/index.htm>>. Acesso em: 09 out. 2012.
- WATANATADA, P. **The Leading Edge of Sustainability**. Disponível em: <http://www.sustainability.com/library/the-leading-edge-of-sustainability>. Acesso em: 13 out. 2011.
- ZYLBERSZTAJN, David. **Sustentabilidade e geração de valor: a transição para o século XXI**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2010. 207 p.